

# Nossos Planos e o Plano de Deus

**Pe. Ney Brasil Pereira**  
Professor de Exegese

É a Bíblia que inspira, e deve inspirar, a caminhada da Igreja. Sendo assim, é justo perguntar-nos o que ela tem de especial a nos dizer, em relação ao futuro Plano de Pastoral do Regional Sul IV. E o que seria esse “algo especial”, essa perspectiva bíblica, essa passagem mais inspiradora? — A resposta não é fácil, dada a amplitude e a multiplicidade dos textos, embora “a lei e os profetas” se reduzam sempre, ontem como hoje, a um coisa só, a “única necessária”, o amor: amor a Deus, concretizado e demonstrado no amor aos irmãos, especialmente os “mais pequeninos” (cf Mt 7, 12, a “regra de ouro”, e Mt 25, 31 — 46, o juízo final). E não é fácil, apesar de em si ser fácil, porque parece que sentimos necessidade de respostas complicadas, mais longas. . . Tanto assim que, na própria Bíblia, a simplicidade evangélica se desdobrou em quatro livros, quatro “evangelhos” (de fato, um só Evangelho, o de Jesus, mas “segundo” quatro evangelistas), os quais, por sua vez, se enraízam nos 46 livros do Antigo Testamento e repercutem nos outros 23 livros do Novo.

*Como, pois, o nosso Plano de Pastoral deve ser elaborado, para que possa ser um instrumento eficaz do plano de Deus?*

Na busca, pois, de uma resposta à pergunta pela passagem, ou perspectiva bíblica, mais inspiradora para o nosso novo Plano de Pastoral, lembrei-me, entre tantas outras opções, da insistência com que o grande Isaías fala do *plano* de Javé, esse plano que se realiza infalivelmente, apesar dos “planos” contrários dos homens. Como, pois, o nosso Plano de Pastoral deve ser elaborado, para que possa ser um instrumento eficaz do plano de Deus? Partindo desta pergunta, e tentando alargar a resposta, vamos recordar algumas passagens de Isaías e, depois dele, de outros livros da Bíblia, para podermos elaborar melhor o conceito teológico de um verdadeiro Plano de Pastoral.

## O Plano de Deus em Isaías

Os profetas de Israel foram homens profundamente envolvidos nas peripécias sociais e políticas do seu tempo. Se isto vale praticamente para todos eles, de modo especial vale para Isaías, o “maior” dentre os profetas, que por cerca de quarenta anos, no final do séc. VII antes de Cristo, participou intensamente das vicissitudes do seu povo, no tempo dos reis Acáz e Ezequias, e no confronto entre o pequenino país de Judá e os impérios expansionistas da Assíria e do Egito.

Como todos os profetas, também Isaías foi um homem avassalado pela presença poderosa de Deus. A experiência da “santidade”, isto é, da transcendência divina, que lhe foi dado vislumbrar na visão da sua vocação, descrita no cap. 6, jamais se apagou da sua memória e do seu coração.

*Pois bem, É Ele, o “Santo de Israel”, o único a quem devemos “santificar”, o único a quem devemos “temer”*

Essa divina transcendência, porém, não era olímpica, sobranceira às pequenezas humanas: esse Deus três vezes santo, Deus “do universo” (Javé Tsebaôt), quis ligar-se visceralmente a um povo, tornado seu pela Aliança, cabendo-lhe pois perfeitamente o título isaiano de “Santo de Israel”.

Pois bem, é Ele, o “Santo de Israel”, o único a quem devemos “santificar”, o único a quem devemos “temer” (Is 8, 13), e contra cujos desígnios plano humano algum poderá prevalecer: “Por muitos planos que façais, eles serão frustrados; por mais decisões que tomeis, elas não subsistirão”, proclama o profeta aos confins da terra (Is 8, 10). E logo conclui esse oráculo, de certeza invencível, com a misteriosa motivação: “porque Deus está conosco. . . Immanu — El!” (ibid). Isto é, os nossos planos só valerão alguma coisa se corresponderem aos desígnios daquele que dirige a história! Aliás, a mesma certeza indomável é proclamada contra a Assíria no poderoso oráculo de Is 14, 24 — 27.

Os exegetas (p. ex. Fichtner, Wildberger, Von Rad) insistem na originalidade de Isaías no seu uso da terminologia do “plano” (em hebraico *etsá*) para expressar o seu pensamento sobre a ação de Javé na história. E apontam também para os termos paralelos que Isaías emprega: “obra”, “feito”, “trabalho”, p. ex., em Is 5, 12: “Ai dos que. . . não têm sequer um olhar para os feitos de Javé, não enxergam a obra de suas mãos!” Em Is 5, 19 temos a ameaça do profeta contra os escarnecedores: “Ai dos que dizem: Avie-se, faça depressa a sua obra para que a vejamos; apareça, realize-se o plano do Santo de Israel, para que o conheçamos!” Esse “plano” é estranho, inesperado, maravilhoso (cf Is 28, 29), inclusive porque pode ser também um plano de julgamento contra Judá infiel: “Ouvi falar de destruição, e é coisa decidida pelo Senhor Javé dos Exércitos, que atingirá o país inteiro” (Is 28, 22).

Outra característica desse plano é que ele desafia a sabedoria convencional, produzindo inclusive conflito entre o profeta e os pretensos sábios, conflito mais tarde assumido por Paulo: “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e inteligentes na sua própria opinião!” (Is 5, 21) Por isso, “a sabedoria dos seus sábios perecerá e o entendimento dos seus entendidos se desfará” (Is 29, 14 b; cf 1 Cor 1, 19).

Ainda um aspecto importante: Embora a terminologia do “plano” muitas vezes seja empregada por Isaías em

contexto de julgamento, não podemos reduzi-la a esse aspecto negativo. De fato, aparecem ainda no profeta três linhas de um "plano de salvação", a saber: a teologia "do resto" ("um resto voltará, ou se converterá", cf Is 10, 20 — 23), a preservação de Sião (cf Is 2, 2 — 4) e a esperança de um Messias davídico que realize a paz, o shalom, através da justiça em seu reinado (cf Is 9, 1 — 6 e 11, 1 — 9). Isto é, se o plano de Deus comporta o julgamento de todos os que se opõem ao seu domínio divino, ele não se realiza apenas com a supressão dos seus oponentes mas com a salvação dos seus escolhidos, dos que a Ele aderem pela fé (cf Is 7, 9 b e 28, 16).

Também no II Isaías, inspirado no seu grande predecessor, temos belas referências ao plano de Deus, p. ex. em Is 40, 13, onde se afirma a independência divina desse plano: "Quem dirigiu o Espírito de Javé ou como conselheiro o instruiu?" Ou em Is 46, 10 — 11, a solene procla-

***"Elas não conhecem os projetos de Javé e não compreendem o seu plano!"***

mação em primeira pessoa, num contexto de salvação (cf v. 13): "Eu digo: o meu plano será realizado, eu hei de cumprir o que me apraz. . . Eu o disse, eu o executarei; eu o planejei, eu o cumprirei!"

No restante da literatura profética praticamente não encontramos essa terminologia do "plano" como em Isaías, a não ser numa oração de Jeremias, que se dirige a Javé como "grande em seus planos, poderoso em seus feitos" (Jr 32,19), e num texto provavelmente tardio, exílico, do livro de Miquéias, denunciando a cegueira das nações que se reúnem contra Sião: "Elas não conhecem os projetos de Javé e não compreendem o seu plano!" (Mq 4,12)

#### **Nos livros sapienciais**

Nos livros sapienciais, que nos transmitem as reflexões dos sábios sobre como bem-viver, também encontramos referências ao plano de Deus, à sua Sabedoria que "possui o conselho" (Pr 8,14) e que adverte contra a recusa dos seus planos (Pr 1, 25.30). Em Pr 19,21 encontramos a afirmação solene: "Muitos são os projetos dos homens, mas é o plano de Javé que permanece firme". Semelhantemente, Pr 21, 30: "Não há sabedoria nem inteligência nem plano humano algum que subsista diante de Javé", isto é, que ouse programar-se contra Ele. Também Jó, numa de suas respostas aos amigos que o questionavam, afirma: "A Javé pertence a sabedoria e o poder, dele é

***Com os salmistas podemos concluir que qualquer plano, de quem quer que seja, está nas mãos de Javé***

o conselho e a prudência" (Jó 12,13). Prova disso é que "Ele faz malograrem os projetos dos astutos, faz com que fracassem suas manobras; Ele apanha os sábios em sua astúcia e se antecipa ao plano dos ladinos" (Jó 5,12-13). Enfim, pelo final do livro, o próprio Jó é acusado por Deus de estar denegando os planos divinos com questionamentos sem sentido. . . (Jó 38,2; 42,3).

#### **Nos salmos**

Nos salmos, o salmista ora para que Deus confunda e anule os planos dos ímpios, que são planos fraudulentos (S1 65,2) e que são "maquinações contra o teu povo" (S1 83, 4-6). Pede também que os projetos do rei se realizem, supondo-os conformes ao plano de Javé (S1 20,5). No S1 33, 10-11, o salmista exprime-se em termos semelhantes a Isaías: "Javé desfaz o plano das nações e frustra os projetos dos povos; ao contrário, o plano de Javé permanece para sempre, e os desígnios do seu coração, de geração em geração". Nos S1s 106, 13, e 107, 11 o salmista reconhece que Israel, no decorrer de sua história, várias vezes se esqueceu das obras de Javé e desprezou, não acatou, o plano do Altíssimo. . . Em resumo, com os salmistas podemos concluir que qualquer plano, de quem quer que seja, está nas mãos de Javé: Ele tem os seus planos, inspira e leva a bom termo os projetos de quem nele confia, e confunde e anula os desígnios de seus inimigos.

#### **Nos livros históricos**

Nos livros históricos há referências, é claro, ao processo humano normal de planejar ou aconselhar-se, p. ex. a consulta feita antes de operações militares (Jz 20,7; 2Rs 6,8); o conselho, dado por Jetro a Moisés, de dividir tarefas (Ex 18,19ss); o conselho dado por Natã e Betsabé (1Rs 1,12) etc. Interessante é a maneira como certos aconselhamentos, que dão mau resultado, são "provocados" por Javé para que o Seu plano, a Sua justiça, se realize, p. ex.: o mau conselho dado pelos jovens amigos de Roboão (1Rs 12, 6 — 15); o bom conselho de Aquitofel e Absalão, suplantado pelo de Cusai "a fim de que viesse a desgraça sobre Absalão" (2Sm 2,17), aliás, de acordo com a prece de Davi em 2Sm 15,31: "Ó Javé, faze que sejam considerados insensatos os conselhos de Aquitofel". . .

Interessante, também, o fato de que, na obra histórica do Cronista, do período pós-exílico, multiplicam-se as referências a planos e conselhos, dados ou recebidos, em comparação com narrativas semelhantes da obra histórica do Deuteronomista. E esses planos e conselhos partem, mais vezes, de grupos, ou de toda a assembléia, que de conselheiros individuais, p. ex.: a consulta de Davi aos oficiais, comandantes e ao povo, sobre a transferência da Arca a Jerusalém; a consulta de Ezequias aos oficiais e a toda a assembléia de Jerusalém sobre a celebração da Páscoa etc. Isto, aliás, de acordo com a convicção expressa em Pr 15,22: "Por falta de reflexão os projetos fracassam, mas se realizam quando há muitos conselheiros". . . (cf também Pr 11,14 e 24,6).

#### **No Novo Testamento**

No Novo Testamento, especialmente em Lucas-Atos,

o termo correspondente ao hebr. 'etsá é o gr. *boulé*, que encontramos num total de 12 vezes, em 7 das quais referindo-se ao "plano", ou desígnio, salvífico, de Deus. Assim, num comentário pessoal, Lucas afirma que os fariseus e doutores da Lei, rejeitando o batismo de João, "rejeitaram também, para si próprios, o desígnio de Deus" (Lc 7,30). Nos Atos dos Apóstolos (onde ocorrem 7 empregos do termo), Pedro fala do "plano bem determinado" de Deus, segundo o qual Jesus foi entregue à morte (At 2,23; também 4,28). Gamaliel, por sua vez, em reunião do Sinédrio, refere-se ao "plano" ou "projeto" cristão, naquela sua alternativa célebre: "Se for dos homens, acabará por si mesmo; se, porém, for de Deus, não conseguireis anulá-lo" (At 5,38).

Paulo, na sinagoga de Antioquia de Pisídia, refere-se a Davi como a alguém que "em sua vida serviu ao desígnio de Deus" (At 13,36). A variante ocidental do texto de At 19,1 contrapõe o intento pessoal de Paulo ao plano do

*"Se for dos homens, acabará por si mesmo; se, porém, for de Deus, não conseguireis anulá-lo".*

Espírito, que o faz mudar de rota, como já o fizera em At 16,7. Na sua despedida aos presbíteros de Éfeso, Paulo atesta não ter-se esquivado jamais em anunciar-lhes "todo o desígnio", ou plano, de Deus (At 20,27). No hino de abertura da carta aos efésios, Paulo bendiz a Deus que nos predestinou no Cristo "segundo o plano de sua vontade" (Ef 1,11). Finalmente, o autor da carta aos hebreus fala do caráter irrevogável do plano divino, p. ex., no que diz respeito a Abraão, irrevogabilidade expressa de duas maneiras, por promessa e por juramento (cf Hb 6, 17-18).

Além disso, de certo modo paralela à noção de "plano" ou "desígnio" de Deus, temos a noção de *mistério*, que ocorre 27 vezes no Novo Testamento, especialmente nas cartas de Paulo (6 vezes em Efésios, 5 vezes na 1ª Coríntios, 4 vezes em Colossenses) e também, por 4 vezes, no Apocalipse. É um termo freqüente na literatura apocalíptica, designando o plano divino que se manifesta, de modo dualista e predestinatário, na salvação dos eleitos e na condenação dos réprobos (cf documentos de Qumrã). Em Paulo, temos duas vertentes principais do emprego do conceito: na 1ª Coríntios, é o "mistério" da Cruz do Cristo, revelado aos que crêem e confundindo os sábios deste mundo (cf 1Cor 1,17 — 2,9); na carta aos efésios, é o "mistério" do chamado dos pagãos, de todos os povos, à mesma fé no evangelho da glória da graça de Deus (cf todo o cap. 3).

### Conclusão

Esta rápida e, evidentemente incompleta síntese do conceito do "plano" de Deus, partindo de Isaías, nos deixa bastante clara a convicção bíblica de que a história, tanto a história internacional das nações como a história pessoal dos indivíduos, é conduzida de cima, por Alguém que

*Às vezes, certas expressões bíblicas poderiam mesmo dar a entender que "tudo está determinado", que nada mais restaria a fazer,*

é maior do que nós. Às vezes, certas expressões bíblicas poderiam mesmo dar a entender que "tudo está determinado", que nada mais restaria a fazer, e que portanto nossos planos humanos, mesmo-nossos Planos de Pastoral, seriam dispensáveis. . . Por outro lado, percebe-se que o próprio fato de o Profeta, p. ex. Isaías, intrometer-se no cenário político, quer a nível de palácio quer a nível de praça pública, revela também a convicção de que a ação humana — e, se for digna desse nome, devidamente planejada, embora à luz de Deus — é necessária. Exatamente como o Reino, anunciado por Jesus, que é dom do Pai ("venha o teu Reino", Mt 6, 10) mas é também tarefa nossa ("procurai primeiro o Reino e a sua justiça", Mt 6,33).

Portanto, e sem entrar nos detalhes concretos do conteúdo desse Plano divino que é de tantas maneiras apresentado na Bíblia, desde o projeto inicial do "crescei e multiplicai-vos" (Gn 1,28), passando pelo projeto do Decálogo (Ex 20) e o do Reino de Deus, no sermão da montanha (Mt 5-7), até aos "novos céus a nova terra, nos quais habitará a justiça" (2Pd 3,13), creio que a perspectiva bíblica essencial, para o nosso Plano de Pastoral, é a da *sintonia* com o plano, a vontade do Pai. Sintonia a ser buscada na oração, na humildade, na fidelidade (segundo Paulo VI: fidelidade à Palavra e fidelidade ao Homem), na coragem, na esperança, na determinação, na perseverança.

É nossa Igreja particular do Regional Sul IV, inserida na realidade catarinense deste final da penúltima década do século XX, que deseja e precisa responder aos antigos e novos desafios. Ela sabe que é o Senhor da história, o Ressuscitado, quem a dirige (cf Apocalipse 2-3). Por isso quer auscultar a sua voz, que nos fala na Bíblia e nos acontecimentos do nosso tempo. Para melhor responder é que ela, mais uma vez, se organiza e planeja, consciente da exigüidade dos seus próprios recursos, mas conscientes também do poder daquele que disse: "Tenham confiança: Eu venci o mundo" (Jo 16,33).

### Nota bibliográfica:

Servi-me bastante do estudo de JENSEN, J., "Jahweh's Plan in Isaiah and in the rest of the Old Testament", in *Catholic Biblical Quarterly* 48, n.3, July 1986, p. 443-453. E um pouco, também, do verbete "Vontade, Propósito", de MULLER, D., no *Dicionário Internacional de Teologia do NT*, vol. IV, Ed. Vida Nova, SP, 1983, p. 781-785, e do verbete "Segredo, Mistério", de FINKENRATH, G., *ibid.*, p. 389-393.

Endereço do autor: Rua Dep. Antonio Edu Vieira 476, bairro do Pantanal — ITESC — 88040 — FLORIANÓPOLIS, SC